

A PRESENÇA DO NEGRO NA COLEÇÃO DE ARTES VISUAIS MÁRIO DE ANDRADE

Yone Soares de Lima *

Quando o Instituto de Estudos Brasileiros edita um número especial de sua Revista, número comemorativo do Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil, pareceu-nos oportuno trazer a público uma documentação que se traduz, a um só tempo, num componente iconográfico da publicação, e numa amostragem do que é a riqueza cultural que o Instituto guarda em seu Acervo. Vide às páginas 157 a 185, a exaustiva e bem elaborada Bibliografia levantada por nossa colega e bibliotecária Catharina Cristoforo.

Nossa participação se constitui numa seleção de peças pertencentes à Coleção Mário de Andrade, pela qual se evidencia a presença do negro e do mulato em diversas circunstâncias. Para tanto estabelecemos, a priori, dois enfoques de maneira a tornar mais clara e objetiva nossa proposição: em primeiro lugar, veremos a presença do negro na Coleção através de sua "mão-de-obra", isto é, enquanto agente realizador — artista ou artesão — ainda que anônimo; em segundo lugar, veremos a presença significativa do negro como um "modelo vivo", ou seja, como objeto de estudo (ou motivação) no terreno das artes plásticas — não apenas como um exemplar da espécie humana ou como o documento vivo e curioso de uma determinada época; veremos as imagens do negro e do mulato como os representantes de uma raça, cujos atributos físicos sempre exerceram um certo fascínio sobre o artista plástico. Vale lembrar aqui Debret com seus tipos descritivos ou Di Cavalcanti que, bem mais tarde, faria da mulata um referencial em sua carreira artística.

O saudoso Professor Mariano Carneiro da Cunha (Doutor em História da religião mesopotâmica pela Escola de Altos Estudos da Universidade de Paris) em seu estudo "Arte afro-brasileira" procurou detectar as raízes africanas nas artes plásticas brasileiras. Conforme afirma (in *História geral da arte no Brasil*,

(*) — Professora-assistente do IEB (Área de Artes).

S. Paulo, 1983), a arte africana, embora significativamente voltada para o aspecto religioso, possui também seus "aspectos políticos, econômicos e domésticos, caracterizando-se, entre outras coisas, por sua capacidade de influir sobre outras culturas", sendo da área sudanesa a influência que marcou mais fortemente as artes plásticas brasileiras e, desde a época da colonização, nosso processo cultural e histórico. Recordamos de como a arte européia ocidental viu-se atingida no início deste século, citando artistas plásticos como Matisse, Braque, Volland, Picasso e outros.

O negro trazido para o Brasil e outros países americanos, mesmo na condição de escravo, trouxe com suas origens um "conhecimento técnico bastante desenvolvido na arte da cerâmica e um pleno domínio da escultura em madeira e na metalurgia". Na verdade foi a mão-de-obra do negro e do pardo a principal responsável pela arte da talha e douração de nossas igrejas barrocas desde o século XVI. Atestou ainda sua habilidade artesanal, uma vez que o trabalho realizado nas senzalas, ainda que artístico, estava longe, muito longe de ser considerado.

A expressão "afro-brasileira", segundo o Professor Mariano, corresponde às manifestações artísticas ligadas ao culto dos orixás ou religiões de origem africana e foi com esta preocupação que arrolou a Coleção Mário de Andrade como um dos conjuntos que, em nosso país, abriga peças representativas da arte afro-brasileira, realizadas, provavelmente, no início dos anos trinta. São elas dois oxês de Xangô e um exu de ferro. As duas primeiras, esculpidas em madeira, se caracterizam por representar a mulher e são ambas trabalhadas em "relevo completo", isto é, o trabalho de escultura é feito por todos os lados; ambas são desnudas da cintura para cima.

Uma delas, com 47 cm de altura, é feita em uma só peça e tem sua postura em pé sobre uma pequena base retangular, seguida pelo "punho" — segmento cilíndrico por onde são manuseadas, conforme explica o texto do Professor Mariano. Bastante desproporcional, tem os braços caídos ao longo do corpo, contrariando o habitual de apresentar as mãos segurando os seios em relevo. As pontas dos dedos, bem delineados, tocam a extremidade do saiote que acaba na altura dos joelhos tendo apenas a barra trabalhada. A cabeleira, marcada com riscas à moda africana, é encimada pelo machado duplo, símbolo da divindade à qual é dedicada, e apresenta alguns ornamentos cavados, semelhantes aos da face. Os olhos são "saltados em forma de grão de café", seguindo alguns cânones destas esculturas "nagô-yorubá".

A outra peça representa a figura feminina, também de pé, sobre uma base cilíndrica de 8 cm de altura, somando 23,3 no total da estatueta. A superfície da madeira é negra, possui um brilho tênue e tal como a anterior traz os braços caídos; as mãos minúsculas tocam a altura dos quadris. Nesta escultura nota-se maior proporcionalidade entre corpo e cabeça e o relevo dos seios; as feições são bem delineadas, com tendência para o naturalismo. O saiote caprichosamente sulcado à guisa de pregas, acentua a idéia do volume abalado.

Quanto à terceira peça afro-brasileira destacada pelo autor do estudo, trata-se do exu de ferro, articulado, que se apóia pelo pé direito sobre uma chapa quadrangular do mesmo material. Sua imagem é acrescida de um "emblema" de sete pontas, igualmente de ferro, cuja haste é introduzida na mão direita e encontra um pequeno orifício na base. Ao todo somam 42cm de altura. Trata-se de uma figura extremamente representativa dos rituais africanos, pois possui uma série de detalhes "que definem o caráter e a função do Exu".

A figura do negro registrada pela arte de Debret (França, 1768-1848) é por demais conhecida graças à popularidade que suas gravuras foram adquirindo

paulatinamente, tornando-se um verdadeiro documento iconográfico-artístico do escravo no Brasil. Como artista plástico costumista que era, suas aquarelas e gravuras detalham, numa concepção essencialmente personalizada, a natureza, os hábitos de viver do povo e de uma época, mostrando o negro ou o mulato nas ruas, no tronco ou nas senzalas. São exemplos, as duas litogravuras: *Nègres cangueiros — Différentes nations nègres* (28x32,5cm) e *Grand costumes de cour* (32,8 x 24,2cm). De suas figuras, estereotipadas, diferem profundamente os dois belos originais de seu contemporâneo Rugendas (Alemanha, 1802-1858): *Cabeça de mulato* (13,7x10,2cm) e *Cabeça de baiana* (14,4x11,7cm), ambos desenhos executados a lápis no mais puro realismo.

A Coleção Mário de Andrade conta ainda com uma série de obras em que a figura do negro ou do mulato é vista, agora, não mais sob o estigma do escravo. São imagens que se apresentam sob diferentes óticas, em valores plásticos bastante distintos, independentemente das técnicas utilizadas ou da heterogeneidade de seus autores. São mais de vinte obras em que o negro é visto na escultura, na pintura, gravura ou desenho, em forma de esboço ou num estudo mais apurado ou mesmo como uma procura puramente estética. Via de regra estas obras revelam um aspecto no mínimo curioso, pois retratam o negro ou o mestiço quase que sistematicamente relacionados com as condições sociais de segundo plano: sua representação está sempre associada ao tipo popular, à simplicidade de vida e de trabalho. Sem depreciar os caracteres étnicos, o artista plástico viu na raça negra uma inesgotável fonte para sua criatividade, como por exemplo são algumas das excelentes figuras de prostituição nas gravuras de Portinari ou Lasar Segall; é inegável também a beleza nos desenhos a tinta de Carlos Leão, onde o artista soube valorizar os traços sensuais da mestiça. Mas, é pela arte de Di Cavalcanti que a mulher de vida duvidosa encontra sua melhor caracterização, generalizando-se, também, como parte das "mulatas do Di"; nas obras aqui referidas, este artista, mais desenhista do que pintor, dá uma demonstração da habilidade com que tratou e criou este tipo feminino: desde a figura bem modelada e sensual da mulata bonita ao simples desenho de uma "baianinha" que apenas serviu para ilustrar uma carta dirigida ao amigo Mário de Andrade.

Aliás, a imagem da baiana foi sempre exaltada pelo artista plástico brasileiro — tanto como pelo músico popular. Neste conjunto de obras, vamos encontrá-la na concepção tradicional da "preta-velha", isto é, a bonachona, a "pachorrenta" no dizer de Monteiro Lobato, com seu indefectível turbante na cabeça e quase sempre associada às lidas do forno-e-fogão. Assim, podemos citar desde uma vendedora de acarajés, em belíssima aquarela de Ismael Nery, aos tipos soturnos xilogravados por Goeldi; de uma representação mais caricata, como é a negra baiana esboçada por Menotti Del Picchia, ou a excelente figura criada por Voltolino para um anúncio comercial da "Lacta-Guaraná-Espumante" — ambas com seu perfil avantajado: seios fartos e traseiro volumoso. Nos guaches de Luís Soares podemos sentir o autêntico meio popular em que o artista insere a figura do negro: seja numa festa de casamento de interior, em fandangos, seja em folias de carnaval ou num Maracatu. São ao todo seis trabalhos intensamente coloridos, ingênuos, de agrupamentos festivos onde a presença do negro é vista cá e lá dando uma nítida noção destas manifestações típicas de Pernambuco. Um sentido absolutamente diverso vamos encontrar nos desenhos de Figueira, Clóvis Graciano, Portinari ou de Pedro Nava, que se ativeram a uma realização puramente formal: maneiras particularizadas de ver, sentir e interpretar a raça negra, inclusive na escultura em madeira, como é a pequena *Cabeça de negro*, obra assinada por Ricardo Cipichia.

Mas, sem dúvida, é o *Esboço para Negra* de Tarsila do Amaral a peça que se destaca neste conjunto, não só pela beleza de sua fatura como, também, pelo

exotismo de sua concepção. Como diz bem o título, representa um esboço rápido e espontâneo, aparentemente inacabado: projeto de uma das figuras mais significativas na obra pictórica desta artista do modernismo brasileiro.

Para encerrar estas observações se faz necessário dar, ainda, um destaque para a pintura de Guignard — a *Família do fuzileiro naval*. Aqui a figura do negro se impõe em todos os sentidos. É o retrato vivo, expressivo, ingênuo e bem acabado da Família que “posa” cheia de orgulho, para a posteridade.

Citamos em seguida as obras responsáveis pela presença do negro na Coleção de Artes Visuais Mário de Andrade. Estão relacionadas segundo a ordem e os dados contidos no *Catálogo da Coleção*:

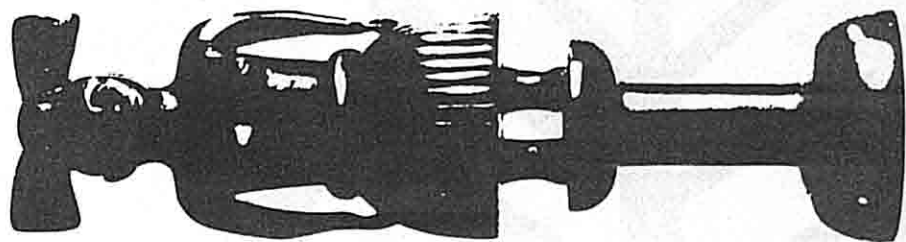
1. *Esboço para Negra*. 1923 — TARSILA DO AMARAL
lápis e aquarela s/papel. 23,4 x 18 cm
2. *Cabeça de negro* — RICARDO CIPICCHIA
escultura em madeira. 18,5 x 13,3 x 10,8 cm
3. *Negra*. 1943 — MENOTTI DEL PICCHIA
lápis s/papel. 22 x 16,5 cm
4. *Mulher sentada com mão no queixo* — DI CAVALCANTI
nanquim e pastel s/papel. 38,5 x 26,5 cm
5. *Mulatas* — DI CAVALCANTI
nanquim e pastel s/papel, 46,5 x 34,2 cm
6. *Bar da Lapa*. 1930c — DI CAVALCANTI
lápis, crayon e nanquim s/papel. 32,7 x 21,7 cm
7. *Carta ilustrada para Mário de Andrade*. 1922 — DI CAVALCANTI
lápis de cor, tinta de caneta e nanquim s/papel. 32,7 x 17,7 cm
8. *Cabeça de jovem mulato*. 1942 — FIGUEIRA
crayon s/papel. 38 x 27,8 cm
9. *Paisagem*. 1928 — ROSÁRIO FUSCO
tinta de caneta s/papel. 22,5 x 15,3 cm
10. *Baianas* — GOELDI
xilogravura s/papel. 11,9 x 14,9 cm
11. *Cabeça de jovem mulato*. 1941 — C. GRACIANO
guache s/papel. 40 x 29,7 cm
12. *Família do fuzileiro naval* — GUIGNARD
óleo s/madeira. 58 x 48 cm
13. *Dois mulheres* — CARLOS LEÃO
tinta de caneta s/papel. 23,2 x 16 cm
14. *Dorcelina* (nu feminino com flor). 1927c — PEDRO NAVA
lápis s/papel. 23,5 x 16,2 cm
15. *Nu feminino em pé*. 1926/27c — PEDRO NAVA
lápis s/papel. 23,5 x 16,2 cm
16. *Baiana do acarajé* — ISMAEL NERY
aquarela s/papel. 26 x 20,3 cm
17. *Cabeça de mulata*. 1934 — PORTINARI
lápis s/papel. 21,2 x 16,8 cm
18. *Três mulatos* — PORTINARI
gravura em metal s/papel. 20,2 x 14,9 cm
19. *Mulata sentada* — PORTINARI
gravura em metal s/papel. 25 x 19,8 cm
20. *Dois mulheres* — LASAR SEGALL
gravura em metal s/papel. 23,5 x 17,5 cm

21. *Um casamento matuto* — LUÍS SOARES
guache s/papel. 23,7 x 20,6 cm
22. *Frevo* — *Carnaval pernambucano* — LUÍS SOARES
guache s/papel. 25 x 18,3 cm
23. *Maracatu* — *Cabinda Velha* — LUÍS SOARES
guache s/papel. 25,1 x 18,2 cm
24. *Serenata de subúrbio* — LUÍS SOARES
guache s/papel. 25 x 18,3 cm
25. *Fandango* — LUÍS SOARES
guache s/papel. 23,8 x 21,5 cm
26. *Guaraná na Bahia* — VOLTOLINO
nanquim s/papel. 11,7 x 14,3 cm
27. *Nègres cangueiros* — *Différentes nations nègres* — DEBRET
gravura s/papel. 28 x 32,5 cm
28. *Cabeça de mulato* — RUGENDAS
lápis s/papel. 13,7 x 10,3 cm
29. *Cabeça de baiana* — RUGENDAS
lápis s/papel. 14,4 x 11,7 cm
30. *Escravo do Rio de Janeiro* (anônimo)
litografia colorida s/papel. 30,3 x 19,2 cm
31. *Oxê de Xangô*
madeira, 47 cm (alt.)
32. *Oxê de Xangô*
madeira, 23,3 cm (alt.)
33. *Exu*
ferro, 42 cm (alt.)

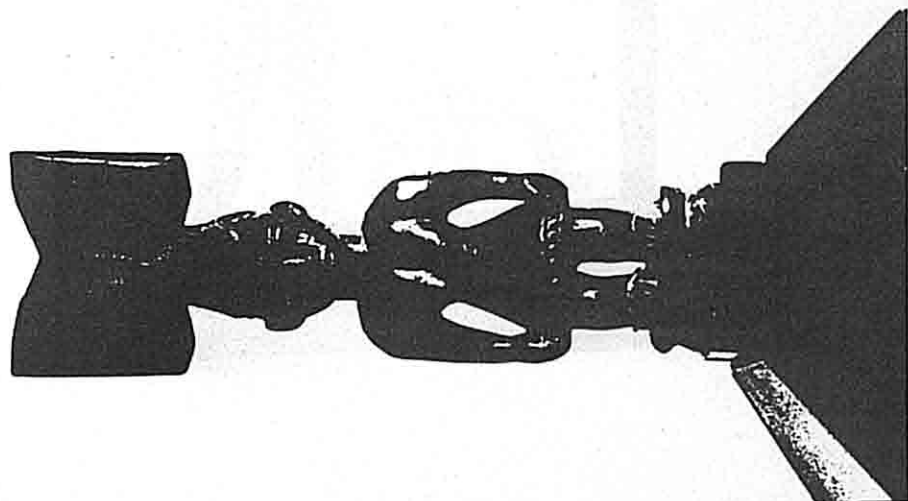
Recebido para publicação em 24 de fevereiro de 1988



Mulher sentada com mão no queixo, nanquim e pastel. DI CAVALCANTI.



Oxé de Xangô, madeira.



Oxé de Xangô, madeira.



Exu, ferro.



Cabeça de mulato, lápis. RUGENDAS



Cabeça de baiana, lápis. RUGENDAS



Duas mulheres, gravura em metal. LASAR SEGALL



Duas mulheres, tinta de caneta. CARLOS LEÃO



Mulatas, nanquim e pastel. DI CAVALCANTI

Mário Quinto

Hoje recebi a tua carta de felicitações, que também traz-me a participação que o grupo vai ter uma revista: "Alaxou". Muito bem, as felicitações eu e Maria agradecemos com todo coração, e as revista uma vida eterna. Mandarei breve o desenho pedido em todo prazo. Eu também ando com ideias de fazer aqui uma pequena revista, que absolutamente não prejudicará a do grupo, pelo contrário... mas tudo depende. Tenho trabalhado bastante e com muito amor. Cheguei-lhes da Europa mais um pouco o grupo, é o Alberto Cavalcanti (parente) decorador e architecto. Elle é extraordinario de modernismo. Fecero do Jôr a S. Paulo uma exposição aqui com o que provavelmente isto lá para tentarmos esse festa da festa do centenario civil. Verás então o que tenho de novo. Aqui todos vão bem e dali de refôrma saber se os illustres meus A.S.:



Rubens de Moraes
Oswaldo de Andrade
Luiz Aranha
filherme de Almeida
Serge Illiét e Pedro Rodrigues de Almeida, ainda existem e se estão dispostos a responder novas peças de correspondencia. Radiante como esta valha minha assiguo esta carta. Radiante por saberte feliz e sempre amigo do seu

Um abraço de Mário

Carta ilustrada para Mário de Andrade, lápis de cor, tinta de caneta e nanquim. DI CAVALCANTI



Baiana do acarajé, aquarela. ISMAEL NERY



Guaraná na Bahia, nanquim. VOLTOLINO



Negra, lápis. MENOTTI DEL PICCHIA



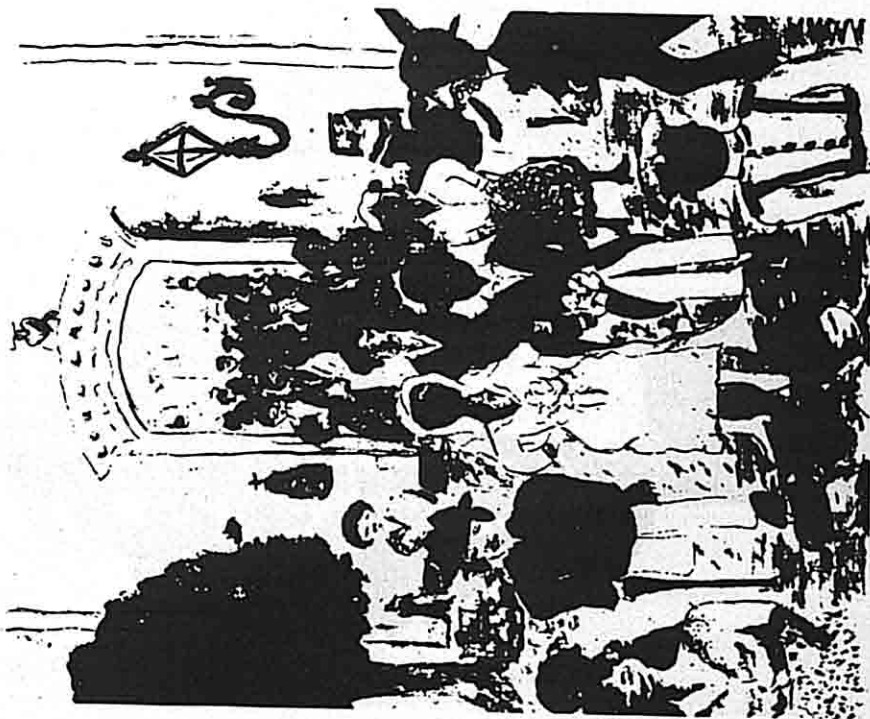
Dorcelina, lápis. PEDRO NAVA



Baianas, xilogravura. GOELDI



Maracatu — Cabinda Velha, gauche. LUIS SOARES



Um casamento matuto, gauche. LUIS SOARES



Cabeça de jovem mulato, crayon. FIGUEIRA



Cabeça de negro, escultura em madeira. CIPICCHIA



Cabeça de mulata. lápis. PORTINARI



Família do fuzileiro naval, óleo. GUIGNARD



Tarsila

Esboço para Negra, lápis e aquarela. TARSILA